



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

8294 - Trabalho Completo - 14a Reunião da ANPEd – Sudeste (2020)

ISSN: 2595-7945

GT 06 - Educação Popular

O cotidiano de educadores populares na socioeducação

Isabel Ávila Fernandes Barros - UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro

O presente texto é parte da pesquisa em andamento que desenvolvo no Mestrado em Educação e que tem como objetivo refletir sobre o cotidiano de educadores que atuam no espaço de privação de liberdade de adolescentes no Rio de Janeiro, no DEGASE (Departamento Geral de Ações Socioeducativas).

Devido à pandemia do novo coronavírus, desde março de dois mil e vinte estamos vivendo um processo de isolamento social, o que significa, para uma parte da população, estar praticando esse isolamento dentro de suas residências. No entanto, há uma realidade que, por vezes, não nos damos conta, há meninos e meninas trancafiados dentro de unidades socioeducativas e as escolas que frequentavam foram fechadas, assim como outras atividades foram interrompidas dentro do sistema socioeducativo. A paralisação dessas atividades afetou significativamente a vida destes meninos e meninas, e também atravessou o andamento da minha pesquisa. Com isso, trago aqui reflexões teórico-metodológicas alcançadas até aqui, durante esse *espaçotempo* pandêmico.

Ao entrar em contato com a pesquisa dos cotidianos através da leitura de textos de Graça Reis, Inês Barbosa de Oliveira, José Machado Pais, Regina Leite Garcia, Paulo Sgarbi, entre tantos outros, comecei a perceber que o meu olhar, enquanto educadora popular de um movimento social atuante dentro do sistema socioeducativo, poderia ser mais atento. Como José Machado Pais nos apresenta, "o cotidiano é aquilo que no dia a dia se passa quando nada se parece passar" (PAIS, 2003), o que significa que o espaço e as relações cotidianas na socioeducação tinham muito mais coisas para me mostrar do que eu estava conseguindo ver.

As leituras dos cotidianistas me deixaram mais sensitiva, ou melhor, eu já estava sentindo/ouvindo muitas coisas no meu dia a dia, mas não estava atenta aos meus sentidos. Pais apresenta em seu fragmento do livro *Vida Cotidiana: enigmas e revelações*

Ora é nestas rotas – caminhos de encruzilhada entre a rotina e a ruptura – que se passeia a sociologia do cotidiano, passando a paisagem social a pente fino, procurando os significantes mais do que os significados, juntando-os como quem junta pequenas peças de sentido num sentido mais amplo: como se fosse uma sociologia passeante, que se vagueia descomprometidamente pelos aspectos anódinos da vida social, percorrendo-os sem contudo neles se esgotar, aberta ao que se passa, mesmo ao que se passa quando “nada se passa”. (PAIS, 2003, p.29)

A percepção da vida cotidiana como rota de conhecimento para a pesquisa dentro do

sistema socioeducativo é estar aberta ao que se passa, mesmo ao que se passa quando parece que nada está a se passar, compreendendo que sempre algo se passa. É fazer do cotidiano uma viagem e não um porto (PAIS, 2003) Muito se passa, mas nada se passa. O *espaçotempo* do sistema socioeducativo é bastante agitado. Enquanto eu entendia como o sistema funcionava e ouvia suas regras me sentia paralisada em relação a minha atuação. Contudo, “a pesquisa no cotidiano vem de forma a rasar essa superfície, em voo baixo, de forma minuciosa, sem que a esse rés (do chão, superficial) se tenha de aprisionar.” (PAIS, 2003, p.33)

Para além do olhar sobre a rotina e a certeza, é necessário ter dúvida e entender que a incompletude, como nos aponta Boaventura (SANTOS, xxx), faz parte da vida cotidiana e com isso, quero dizer que, pesquisa é também *espaçotempo* de incompletude. A pesquisa nos cotidianos pode e deve quebrar com a lógica engessada da modernidade.

Por entender que não há uma lógica contínua e de ordem, opto por escrever o texto em primeira pessoa, levando em conta que minha trajetória de vida é intrínseca ao contexto em que estudo e assim, não consigo pensar a pesquisa fora de mim e das minhas leituras. Nesse trabalho, sujeito e objeto se fundem. Trago aqui elementos da pesquisa narrativa como método de investigação, pois esta contribui para aproximação entre sujeitos pesquisados e sujeitos pesquisadores, permitindo maior percepção e mergulho dos contextos vividos dos *espaçotempos* das nossas experiências. Enquanto pesquisadora e pesquisada, utilizo elementos da pesquisa (auto)biográfica como perspectiva metodológica, procurando pensar o cotidiano da privação de liberdade, a partir das experiências de sujeitos envolvidos em processos de *ensinoaprendizagem* e, por isso, trabalhando com narrativas de educadores, entendendo o processo de narrar o cotidiano como fundamental para a formação contínua de educadores.

O que considero importante enquanto pesquisa, é ouvir e ser ouvida por educadores que atuam no sistema socioeducativo e dialogar com eles a partir do fazer investigativo e de uma interação compartilhada. Isso, me parece, é uma possibilidade emancipatória (SANTOS, 1996) de fazer pesquisa, pois narrar e ouvir, me ajudam a compreender que há diversas experiências no mundo da socioeducação que têm sido desperdiçadas (SANTOS, XXX) porque não são parte das narrativas hegemônicas que já compreendem estes meninos e meninas como fracasso, a priori. entendo com isso "a potência de desconfiar das certezas, repensar verdades cristalizadas e pretensões quanto à investigação" (RIBEIRO, SOUZA, SAMPAIO, 2018, p. 175).

Trabalhando dessa forma, meus sentidos ficam mais sensíveis e fico mais atenta, não fazendo sentido pensar o mundo fora de mim. Alfredo Veiga-Neto (1996) afirma que “Foucault nos mostrou o arbitrário no processo de constituição de um regime de verdade, em que os saberes verdadeiros nascem e crescem a serviço da vontade de poder” (Foucault, 1996 apud Veiga-Neto, 2006, p. 113). As narrativas aparecem aqui através de conversas, com o objetivo de quebrar a ideia de saberes verdadeiros. Conversas estas que ressoam em nós e criam outros *espaçotempos* da memória. Conversas que não só falam sobre algum fato pontual, mas sobre os efeitos sentidos a partir dos acontecimentos e das vivências.

Por fim, percebo que essas conversas constituem e são constituídas pelas narrativas (auto)biográficas. O prefixo *auto* se expressa com os outros. Sou educadora popular e sou feita de gente que passa por mim dentro do sistema socioeducativo. A abordagem autobiográfica não aparece aqui como abordagem de sujeito isolado, numa perspectiva individualista e intimista. A atuação social e educativa dos educadores populares e *seumeu* cotidiano constituem esse esquema rizomático que não deriva de fundamentos primeiros, mas são elaborados simultaneamente no emaranhado cotidiano da socioeducação, a partir da relação com alunos e com outros educadores.

Palavras-chave: Cotidiano, sistema socioeducativo, narrativa (auto)biográfica, educação popular.

REFERÊNCIAS

JOSSO, Marie-Christine. Experiências de vida e formação. São Paulo: Cortez, 2004

OLIVEIRA, Inês Barbosa de. Currículos Praticados – entre a regulação e a emancipação. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

PAIS, José Machado. Vida cotidiana: enigmas e revelações. São Paulo: Cortez, 2003.

REIS, Graça R. F. S. Praticando currículos no cotidiano: as práticas reescrevendo a história das escolas. In: Oliveira, Inês B. (org.). Práticas cotidianas e emancipação social: do invisível ao possível. Petrópolis/RJ: DP et Alii, 2010, p. 99-110.

REIS, Graça Regina Franco da Silva. Por uma outra Epistemologia de Formação: conversas sobre um Projeto de Formação de Professoras no Município de Queimados. 2014. 196f. Tese – Universidade Estadual do Rio de Janeiro

RIBEIRO, Tiago; SOUZA, Rafael de; SAMPAIO, Carmem Sanches. Conversas como metodologia de pesquisa: por que não? :Rio de Janeiro: Ayvu, 2018.

SANTOS, Boaventura de Sousa (1996), "Para uma Pedagogia do Conflito", *in* Silva, Luis Heron da et al (org.), *Novos Mapas Culturais, Novas Perspectivas Educacionais*. Porto Alegre: Editora Sulina.

VEIGA-NETO, Alfredo. Memória, tempos, cotidianos. *In*: GARCIA, Regina Leite; ZACCUR, Edwiges. Cotidiano e diferentes saberes. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. p. 111-124